

A cultura na mídia: análise do retrato artístico-cultural popular por veículos de comunicação independentes¹

Brenda Marques Sousa²
Melissa Sophie da Silva Oliveira Carvalho³
Vitória Gomes dos Santos Guajajara⁴
Alexandre Zarate Maciel⁵
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

RESUMO

A pesquisa analisa reportagens da Agência Tambor (MA) e do Coletivo Acauã (PE), com o objetivo de compreender as narrativas de mídias independentes do Nordeste focadas em temas sociais, culturais e de direitos humanos. Baseia-se na Análise Temática de Braun e Clarke (2006) e em autores como Fabiana Moraes (2019) e Jorge Ijuim (2017), para avaliar a presença da subjetividade dos repórteres e a representação das fontes populares. Apesar da liberdade editorial, destaca-se a necessidade de discutir o papel e o envolvimento do (a) repórter nessas narrativas produzidas por esses coletivos.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo Independente; Humanização; Subjetividade; Nordeste.

Introdução

Este resumo expandido discute a caracterização humanizada das expressões da arte cultural a partir da análise de duas reportagens produzidas por mídias independentes que atuam no Nordeste: a Agência Tambor, de São Luís, Maranhão, e o Coletivo Acauã, atuante no Sertão e Agreste de Pernambuco. O estudo faz parte do projeto “Reportagem

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE 14 – Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de graduação do 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFMA-Imperatriz. E-mail: brenda.ms@discente.ufma.br

³ Estudante de graduação do 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFMA-Imperatriz. E-mail: melissa.sophie@discente.ufma.br

⁴ Estudante de graduação do 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFMA-Imperatriz. E-mail: vitoria.guajajara@discente.ufma.br

⁵ Professor doutor do Curso de Jornalismo da UFMA-Imperatriz. E-mail: alexandre.maciell@ufma.br

de Fôlego Social no jornalismo independente do Nordeste”, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Jornalismo de Fôlego, vinculado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz. A partir da análise das características de ação desses dois veículos e análise específica de duas reportagens, buscou-se compreender como eles se apresentam e a maneira como dispõe seus materiais visuais.

O projeto geral, do qual este resumo expandido é um recorte, tem como objetivo mapear mídias jornalísticas independentes do Nordeste, com foco em reportagens sobre temas sociais, culturais e de direitos humanos. Já foram catalogadas 43 reportagens de 13 veículos, com ênfase na abordagem local, uso de fontes populares e processos de humanização. Também se analisa o papel das fotografias e do repórter na construção das narrativas e na contribuição ao debate sobre direitos humanos.

Para este resumo expandido, destacou-se o recorte das análises de duas reportagens produzidas por duas mídias independentes nordestinas diferentes. “A arte de criar selas de cavalo nas mãos de quatro mulheres no agreste de Pernambuco” aborda a presença feminina na tradição do couro em Cachoeirinha, Pernambuco, evidenciando as trajetórias de resistência e autonomia dessas artesãs em um ofício historicamente masculino. Publicada em 27 de fevereiro de 2023, pelo Coletivo Acauã, em parceria com o Marco Zero Conteúdo, a matéria foi produzida por Maryanne Martins, responsável tanto pelo texto quanto pelas imagens. A partir da história de Ritinha e de outras mulheres, a reportagem explora a conquista da independência financeira, os desafios enfrentados diante do machismo e a importância econômica do setor, além de destacar a necessidade de valorização do trabalho manual.

A segunda reportagem, “Arte urbana: consumida por todos. Valorizada por quem?”, publicada em 8 de dezembro de 2023 pela Agência Tambor, por sua vez, aborda a presença da arte urbana nas cidades e seu papel como expressão social, histórica e política. Produzida por Alice Everton e Rafael Heluy, ela destaca as dificuldades enfrentadas por artistas independentes. O texto também diferencia grafite e pichação, ressaltando a origem do grafite no movimento hip-hop e a falta de apoio institucional.

Fundamentação teórica: jornalismo que independe e resiste

O entendimento e as manifestações da cultura têm se reconfigurado com a expansão dos meios de comunicação. Diante disso, o jornalismo cultural surge a partir de

uma construção da ideia de cultura, fazendo com que o jornalista, ao escrever sobre o tema, não se limite a transmitir informações, mas também atue como produtor dessa mesma cultura. Compartilhar a sua visão também gera uma certa influência em como ela será aceita (Pena, 2005, p. 91). No entanto, com a limitação da publicidade dos grandes veículos, o jornalista sonha em trabalhar sem as imposições que costumam marcar as mídias hegemônicas, buscando novos meios de comunicação, como sites e blogs, para criar um jornalismo independente e alternativo (Fígaro, 2018, p. 28).

A partir das formas como essas iniciativas se autodefinem, revelam-se os aspectos em comum no jornalismo independente, como a postura contra-hegemônica, o compromisso com a humanização e coberturas sem vínculo publicitário. Medina (2007) destaca que a reportagem, como gênero jornalístico, é fundamental para o aprofundamento da informação social, permitindo a apresentação de uma pluralidade de vozes e significados do real. Nesse sentido, as mídias independentes no Nordeste em análise buscam tratar com responsabilidade ética as pautas que abordam. Essa abordagem é essencial para evitar a simplificação das realidades complexas e para garantir que a cobertura não reproduza estereótipos ou preconceitos (Moraes e Gouveia, 2018).

Contudo, os desafios enfrentados por essas mídias são significativos. Fabiana Moraes (2019) sublinha que, ao empregar uma abordagem subjetiva, o jornalismo deve evitar a exotização e a estigmatização das fontes populares, focando em retratar as realidades com dignidade e respeito. As mídias independentes nordestinas devem, portanto, equilibrar o uso de fontes populares com uma ética rigorosa e uma sensibilidade que reflita a profundidade e a diversidade das realidades e narrativas.

Metodologia

A pesquisa aplicou o método de Análise Temática (AT), conforme proposto por Braun e Clarke (2006), para organizar e interpretar os dados coletados. Neste contexto, a análise fundamentou-se nos critérios propostos por Fabiana Moraes e Diego Gouveia (2018) e Jorge Ijuim (2017), com ênfase na construção de narrativas humanizadas e que desafiem a lógica da objetividade. Foram considerados aspectos como a subjetividade, o equilíbrio das fontes dispostas, o uso de imagens e sua relação com a reportagem, assim como a presença do repórter nas narrativas.

Moraes e Gouveia (2018, p. 110) apresentam uma proposta metodológica adotada nesta pesquisa, que leva em conta alguns pontos a observar quando se está “na busca por uma reportagem que privilegie tanto a objetividade quanto a subjetividade”. Em resumo, os principais aspectos são o “investimento em visibilidade de pessoas e grupos sociais” que costumam ser enquadrados de forma reduzida na mídia tradicional, “busca pelas semelhanças e não diferenças”, reportagens que recusam “modelos de existência previamente estabelecidos”, que não promovem a espetacularização ou a exotificação, além de serem marcadas por “apuração e checagem intensas” e “observação densa e participante”. A autora e o autor também ressaltam como critérios de qualidade “acatar a presença do repórter”, tempo estendido para realização, convivência do jornalista com as fontes e “ser necessariamente polifônica”

Há casos em que a necessidade de humanização nas coberturas jornalísticas surge de maneira que não pode ser ignorada. Por isso, a partir de Ijuim (2017, p. 236), agrega-se ao olhar metodológico os três momentos em que o processo da reportagem pode gerar desumanização: “(I) Quando caricaturiza o ser humano, (II) Quando ignora a complexidade do fenômeno, (III) Quando não reconhece o Outro. (Ijuim, 2017, p. 236)”. A partir desses parâmetros, realizou-se, em um primeiro momento, o estudo individual de ambas as reportagens para, assim, seguir com uma análise comparativa entre elas.

Análise e resultados

Ao tratar de jornalismo independente, no que se refere à identidade construída pelas mídias Agência Tambor e o Grupo Acauã, nota-se que ambas se apoiam em pilares semelhantes, sendo os dois veículos independentes, com atuação principalmente na região do Nordeste brasileiro. Além disso, as plataformas atuam exclusivamente por meio de vias digitais, estabelecendo-se como webjornalismo e comprometendo-se a trazer notícias sensibilizadas, de cunho social, alinhadas à ética jornalística. Ao se integrarem como meios de comunicação independentes, as características entre elas se assemelham, o que é perceptível na forma em que se apresentam e formam parcerias.

A Agência Tambor, mídia independente de São Luís (MA), identifica-se como uma mídia contra-hegemônica, voltada a produção de pautas principalmente com foco na defesa dos Direitos Humanos e à promoção da justiça social. Mantida pela Sociedade

Maranhense de Mídia Alternativa e Educação Popular Mutuca, se mostra posicionada a favor de uma democracia alinhada ao dever público.

Da mesma forma, o Coletivo Acauã apresenta-se como um grupo de jornalismo independente voltado ao fortalecimento da imprensa local no Sertão e Agreste de Pernambuco. Seu objetivo é preencher lacunas noticiosas em municípios com pouca ou nenhuma cobertura jornalística, oferecendo uma alternativa informativa e sensibilizada. O coletivo também se compromete com a informação responsável e conectada ao território.

Ambas as reportagens analisadas alcançam a subjetividade ao humanizar os sujeitos abordados. No coletivo Acauã, esse efeito se intensifica com o destaque concedido às memórias e trajetórias das fontes. O relato detalhado do ofício das quatro personagens se cruza com as suas histórias de vida, revelando as dificuldades enfrentadas, o que é essencial para a construção narrativa da humanização. As imagens acompanham essa abordagem, ao posicionar as entrevistadas em maior contraste, reforçando a centralidade de suas vivências. A repórter conclui, reforçando sua presença autoral: “Falar de trabalho em Cachoeirinha, é falar do couro e do aço [...] É falar de Ritinha, Leonilda, Helena, Alyne, que solidificam a tradição, perpetuam a memória e mostram a tantas outras mulheres que sim, é possível” (Martins, 2023).

Já na matéria da Agência Tambor, o enfoque recai sobre a arte enquanto expressão cultural, com menor ênfase nos sujeitos que a produzem. Mesmo assim, a reportagem apresenta de forma didática os detalhes da arte urbana e prepara o leitor para entender a marginalização que a configura. Essa contextualização do pano de fundo social e cultural demonstra a postura editorial de eliminar as visões estereotipadas que podem cercar essa expressão artística. A posição dos repórteres transparece no trecho em que defendem: “[...] a necessidade de voltar os olhares da arte urbana para além da beleza [...] importar mão de obra e, sobretudo, importar recursos de editais de outros Estados é uma realidade que deve ser desconstruída o quanto antes[...].” (Everton e Heluy, 2023).

Ainda que utilizem majoritariamente fontes comuns, ambas reportagens mantêm a credibilidade ao preservar o cuidado com os relatos e a coerência das informações. A presença do repórter se traduz em envolvimento direto com o contexto retratado, postura editorial que o Coletivo Acauã incorpora de maneira mais aprofundada.

Conclusão

As análises das reportagens evidenciam o compromisso das mídias independentes com narrativas sensíveis e com a escuta qualificada das fontes populares. O Coletivo Acauã e a Agência Tambor elaboram um jornalismo dedicado, atento aos contextos locais e às expressões culturais historicamente invisibilizadas.

No entanto, por mais que a liberdade dessas mídias permitam maior sensibilidade para tratar de temas culturais e artísticos, a presença do repórter é entendida como algo que demanda um debate intensificado. É indispensável que ela não se apoie apenas na presença física. Compreende-se que o envolvimento se traduza na relação que o repórter constrói com a reportagem que ele próprio escreve, para que, sempre que possível, sua presença se incorpore a ela.

REFERÊNCIAS

EVERTON, A.; HELUY, R.. **Arte urbana: consumida por todos. Valorizada por quem?** Agência Tambor, Maranhão, 2023.

IJUIIM, J. K. Por que humanizar o jornalismo (?). **Revista Verso e Reverso**, Florianópolis, v.31, n. 78, p. 235-243, 2017. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2017.31.78.07>. Acesso em: 08 abr. 2025.

MARTINS, Maryanne. **A arte de criar selas de cavalo nas mãos de quatro mulheres no agreste de Pernambuco.** Coletivo Acauã: Pernambuco, 2023.

MEDINA, C. **Jornalismo e signo da relação:** a magia do cinema na roda do tempo. In: Revista Líbero. Ano X, n. 19, Jun. 2007.

MORAES, F. **Subjetividade:** ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. Revista Extraprensa, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 204-219, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153247>. Acesso em: 09 abr. 2025

MORAES, F.; GOUVEIA, D. **Para além do robô, a reportagem:** pavimentando uma metodologia do jornalismo de subjetividade. In: **Narrativas midiáticas contemporâneas:** perspectivas metodológicas. MAIA, Marta e MARTINEZ, Monica (org.). Editora Catarse: Santa Cruz do Sul, 2018.

PENA, F. **100 perguntas sobre jornalismo cultural.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Riosociedade Cultural Ltda, 2005. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/publicidadejornalismo/article/download/4258/3168&ved=2ahUKEwjPr-z1oWNAxW0p5UCHbLVARMQFnoECB0QAQ&sqi=2&usg=AOvVaw1mEiqc2ypPGZL5qC7bHj7S>. Acesso em: 02 maio. 2025